

MORTE HUMANA: DENTRO DA VIDA, FORA DA ESCOLA

Anderson Nunes Pinto

Eliane Brígida Morais Falcão

RESUMO: Pesquisas demonstram que estudantes do ensino médio apresentam demanda de diálogo sobre o tema da morte humana, mas poucas foram realizadas nesse campo. O objetivo desta pesquisa foi compreender como estudantes do ensino médio representam a morte humana em seu contexto social. Teve como sujeitos 115 estudantes de uma escola pública do município do Rio de Janeiro. Os dados foram coletados por meio de questionários semiabertos individuais e anônimos. A abordagem metodológica proposta para análise e interpretação dos dados foi o Discurso do Sujeito Coletivo, cuja base conceitual é a Teoria das Representações Sociais de Serge Moscovici. Os discursos mostraram que o tema da morte é um objeto de preocupação e faz parte do cotidiano dos estudantes, porém a escola não é considerada um espaço para conversar e aprender a respeito. Os dados indicam que este tema deve ser incluído no currículo e nas estratégias educativas do ensino médio.

Palavras-chave: Morte humana. Ensino médio. Representações sociais.

ABSTRACT: Research shows that high school students have dialogue demands on the subject of human death, but few have been carried out in this field. Overcoming the traditional dichotomy Humanities and Technology in formal education is a recurring challenge. The objective of this research was to understand how high school students represent human death. We had as subjects 115 students at a public school in the municipality of Rio de Janeiro. Data were collected through individual and anonymous questionnaires half open. The methodological approach for analysis and interpretation of the data was the collective subject discourse whose conceptual basis is the theory of social representations. The speeches showed that the subject of death is a matter of concern and is part of the daily lives of students, but the school was not mentioned as a learning space about. The data indicate that this subject should be included in educational high school strategies.

Keywords: Human death. High school. Social representations.

INTRODUÇÃO

Os Parâmetros Curriculares Nacionais (PCN) para o ensino médio preconizam uma aproximação entre o desenvolvimento humano e o desenvolvimento das competências profissionais, em que tanto a dimensão de cidadania quanto a dimensão tecnológica sejam fruto do investimento educacional. O mesmo PCN lembra que a revolução tecnológica em curso, cria novas formas de socialização, processos de produção e, até mesmo, novas definições de identidade individual e coletiva, trazendo novos desafios à educação. Suas propostas visam exatamente fazer jus a essa nova realidade, rompendo com os modelos tradicionais e instaurando um modelo centrado na ideia da construção permanente da cidadania em função dos processos sociais que se modificam continuamente. Na perspectiva de cumprir o seu papel cultural, o currículo deve contemplar conteúdos e estratégias de aprendizagem que capacitem o ser humano no domínio da experiência subjetiva, visando a sua integração com a vida em sociedade e a atividade produtiva (BRASIL, 2000).

Coerentemente com tais parâmetros, as Diretrizes Curriculares Nacionais (DCN) para o ensino médio estabelecem como uma de suas bases a formação integral do estudante e a integração curricular entre as dimensões da cultura e da tecnologia, de modo que haja uma articulação entre as vivências e os saberes dos estudantes, capaz de contribuir para o desenvolvimento de suas identidades, condições cognitivas e socioafetivas (BRASIL, 2012). Considerando essas orientações, a presente pesquisa propõe um olhar para aspectos constituintes da identidade humana: a finitude e a morte. Por que contemplá-la devidamente nos currículos escolares do ensino médio?

Já foi observado que estudantes em escolas de ensino médio apresentam uma importante demanda de escuta e diálogo com relação ao tema da morte e que referências à morte como fenômeno natural coexistem com um referencial discursivo religioso (ALMEIDA; FALCÃO, 2007; 2009; ALMEIDA; RAMOS; FALCÃO, 2009; AQUINO et al., 2014; COELHO; FALCÃO, 2005; 2006). Pode-se observar ainda que, em diversos contextos sociais onde os estudantes estão inseridos, especialmente nas periferias das grandes cidades brasileiras, a mortalidade associada à falta de segurança e saúde públicas, bem como por diversas formas de violência, torna-se parte da sua vida cotidiana, suscitando demandas relevantes para o sistema educacional, como o papel da escola no apoio aos estudantes frente a essa dura realidade da vida, tanto no aspecto

intelectual quanto no aspecto emocional (ASSIS; DESLANDES; SANTOS, 2005; ASSIS; MARRIEL, 2010; KAPPEL et al., 2014).

Deve-se ressaltar que os estudantes do ensino médio encontram-se na adolescência, etapa fundamental do desenvolvimento humano. Trata-se de uma etapa crítica na constituição da identidade pessoal e que requer cuidados educacionais específicos. Com relação à morte, a adolescência favorece uma ressignificação de imagens, símbolos e afetos que a cercam bem como um reposicionamento diante dos limites da existência humana. Cognitivamente, os adolescentes já possuem condições para elaborar o caráter irreversível da morte assim como fazer uma reflexão crítica sobre as noções socialmente transmitidas sobre a morte. Do ponto de vista emocional, porém, os adolescentes sentem-se imortais e, em decorrência disso, podem se envolver em situações de risco de morte a fim de reafirmar a sua suposta imortalidade, como confrontos armados, sexo sem uso de preservativos e abuso de drogas (DOLTO, 1990; RODRIGUEZ; KOVÁCS, 2005).

Outro ponto fundamental a ser ressaltado é que a morte é um dos fenômenos constitutivos da experiência humana. A consciência da própria finitude é um dos atributos peculiares do ser humano e que determina a organização de seus modos de vida. Historicamente, no entanto, o local da morte deslocou-se da casa para o hospital, perdendo muito do seu caráter de familiaridade e tornando-se um fenômeno técnico, emocionalmente distante. Nas sociedades modernas, há o esforço de superar a morte por meio da tecnologia médica e, ao mesmo tempo, a tendência de apartar do convívio social os que estão morrendo (ARIÈS, 2003; ELIAS, 2001; MORIN, 1997). A morte tornou-se, assim, um dos maiores tabus contemporâneos. Não surpreende, portanto, que o tema esteja praticamente ausente dos currículos escolares do ensino médio.

No contexto de formação científico-profissional, há pesquisas nas áreas de saúde e assistência social tanto no Brasil quanto em outros países cujos resultados têm apontado para a importância de uma adequada abordagem da morte nos cursos de graduação (CARVALHO et al., 2006; LEE et al., 2008; NORDET; CABRERA; BIGNOTE, 2008). Entretanto, existem poucas pesquisas que investigam esse tema no contexto da formação científica no ensino de nível médio, não obstante sua pertinência também no campo de ensino de ciências. No caso da Biologia, por exemplo, a morte humana encontra espaço apropriado para ser pensada no ensino sobre o

ciclo de vida e morte dos seres vivos, bem como no ensino relativo à saúde (COELHO; FALCÃO, 2006). Já no caso da Sociologia e da Filosofia, o tema pode ser contemplado pelo viés da discussão de seus determinantes sociais, como a miséria, a violência e os acidentes causados pelo homem, assim como pelo viés dos seus significados simbólicos e valores éticos (BRASIL, 2000). Somam-se, assim, tanto as justificativas dos interesses dos estudantes pelo tema, quanto a necessidade de suprir uma importante lacuna curricular no ensino médio.

O ponto de vista desta pesquisa é que a abordagem do tema da morte humana no ensino médio é uma oportunidade para promover a integralidade da formação humana dos estudantes, ampliando o repertório conceitual dos alunos e estimulando o exercício da reflexão crítica ao confrontá-los com o tabu da morte. Embora seja inegável o crescimento da tecnologia na vida cotidiana, bem como os seus benefícios, sua relevância não deveria obscurecer os demais aspectos da vida humana, sobretudo aqueles que dizem respeito às condições essenciais do seu existir, como é o caso da sua finitude. Neste sentido, deve ser superada a tradicional dicotomia entre a área das humanidades e a área tecnológica, considerando que ambas se interpenetram e se influenciam reciprocamente, bem como buscam igualmente ampliar a capacidade humana para compreender e lidar com os fenômenos do mundo em que ele vive (ROSA, 2005).

OBJETIVO E METODOLOGIA

A pesquisa foi realizada em uma escola pública da zona norte do município do Rio de Janeiro, inserida em uma comunidade de baixa renda, que cumpre as exigências para o ensino médio com relação ao projeto político-pedagógico, à infraestrutura material, ao currículo, à carga horária e ao corpo docente. Os sujeitos da pesquisa foram 115 alunos de três turmas do 3º ano do ensino médio, de mesmo perfil socioeconômico. A coleta de dados foi realizada no segundo semestre do ano de 2015.

O objetivo da pesquisa foi compreender como estudantes do ensino médio de uma escola da rede pública da zona norte do município do Rio de Janeiro representam a morte humana e como tais representações estariam associadas ao seu contexto social, particularmente com os grupos de sua pertença: família, amigos, escola e religião. Além disso, a pesquisa procurou compreender quais as representações dos es-

tudantes sobre as mortes dos jovens na sua cidade, bem como as justificativas e as possíveis soluções para a diminuição destas.

As representações sociais, de acordo com Moscovici (2010), são proposições que possibilitam a um grupo compreender e comunicar o que sabe sobre um tema, objeto ou fenômeno. Trata-se do universo consensual, que é o espaço próprio do senso comum, em contraste com o universo reificado, que é o espaço próprio das ciências. Por isso, o universo consensual é o espaço do conhecido e do familiar e o universo reificado é o do imparcial e do submisso. Os dois processos necessários para a produção de uma representação social são a ancoragem, que se refere à inclusão do estranho no universo consensual, e a objetivação, que busca transformar algo abstrato em algo quase concreto, transferindo o que está na mente em algo que exista no mundo físico.

Para a coleta de dados, foram distribuídos questionários individuais e anônimos. Além de perguntas sobre o perfil dos estudantes, foram feitas perguntas abertas e semiabertas diretamente relacionadas aos objetivos da pesquisa. Inicialmente foi feita uma pergunta aberta sobre que pensamentos e sentimentos os sujeitos tinham quando pensavam na morte. Depois foram feitas perguntas semiabertas sobre se os alunos haviam conversado ou aprendido algo sobre a morte com os seus familiares, com os seus amigos, na sua religião e na sua escola. Também foram feitas perguntas semiabertas sobre a percepção da quantidade de mortes entre jovens no Rio de Janeiro e sua justificativa. Por fim, a última pergunta aberta foi sobre o que deveria ser feito para diminuir o número de mortes entre jovens no Rio de Janeiro.

Para a análise e interpretação dos dados, propõe-se a abordagem metodológica do Discurso do Sujeito Coletivo (DSC), que se define como qualiquantitativa do tipo descritivo-analítico. Propõe-se organizar e tabular dados qualiquantitativos de natureza verbal, obtidos de depoimentos coletados em pesquisas empíricas, e expressar a representação social de um grupo sobre o tema pesquisado. O DSC é um discurso-síntese, redigido na primeira pessoa, composto pelas expressões-chave semelhantes dos depoimentos individuais. Cada conjunto das expressões-chave semelhantes é nomeado por uma ideia central que expressa o seu sentido básico. Os discursos coletivos na sua totalidade revelam a representação social do grupo em relação ao tema em foco. Postula-se teoricamente que todos os discursos pertencem a todos os com-

ponentes do grupo, mesmo variando a adesão a cada um deles em dado momento (LEFÈVRE; LEFÈVRE, 2003).

Para elaboração e organização dos discursos do sujeito coletivo, foram usadas as respostas das questões descritas acima. A visualização numérica da adesão às ideias centrais na forma de porcentagem é um apoio à interpretação. Da mesma forma, serão apresentadas as variáveis relativas ao perfil dos estudantes e as respostas dadas às perguntas fechadas.

RESULTADOS

Quanto ao sexo e idade, foi encontrada praticamente a mesma proporção de ambos os sexos, tendo a grande maioria idade entre 16 e 18 anos. Quanto ao perfil religioso, a maioria do grupo declarou-se cristã (70%), sendo evangélicos e católicos na mesma proporção (35% cada um deles), seguidos dos que declararam não aderir a nenhuma religião (21%) e de adeptos de outras religiões (9%). Nenhum dos sujeitos se declarou ateu, embora parte dos “sem religião” tenha manifestado dúvidas sobre a existência de Deus (4%).

Todos os 115 estudantes responderam ao questionário. Com relação à pergunta “você já conversou ou aprendeu algo sobre a morte com os seus familiares?”, os estudantes ficaram praticamente divididos: 47% responderam “sim” enquanto 53% “não”. Já no caso da mesma pergunta feita com relação ao grupo de amigos, houve uma diminuição dos que já haviam conversado ou aprendido algo, tendo 39% respondido sim contra 61%. As respostas mostraram que a igreja foi o espaço social onde eles mais conversaram ou aprenderam sobre o tema: 67% sim e 33% não. O inverso apareceu com relação à escola: apenas 8,7% responderam ter conversado ou aprendido algo sobre a morte ao passo que 91,3% responderam nada ter conversado ou aprendido.

Os DSC serão apresentados a seguir de acordo com suas respectivas questões e ideias centrais com seus percentuais de adesão. Para todas as questões foram encontradas respostas não mutuamente excludentes, isto é, nelas foram identificadas mais de uma ideia central. Com relação à primeira questão, “Que pensamentos ou sentimentos você tem quando pensa na morte?”, foram encontradas 4 ideias centrais: “a morte traz sofrimento” (DSC 1), “a morte é uma passagem” (DSC 2), “a morte faz parte da vida” (DSC 3) e “tenho dúvidas sobre a morte” (DSC 4) como se segue abaixo.

DSC 1 – A morte traz sofrimento (50,4%)

A morte é um assunto sempre doloroso, intenso. [...] Sinto tristeza, rancor, lamentação, angústia, medo, desespero, preocupação, remorso, solidão, amargura, abandono, vazio, pois aquela pessoa que amamos ou com quem temos uma proximidade não está mais entre nós. Sentimos a dor da perda, a saudade que aquela pessoa fará [...]. Dá um sentimento de culpa por não ter ficado muito com a pessoa [...]. Viver é muito bom, mas infelizmente todos temos que morrer. [...] Eu tenho medo por que sou muito jovem. [...] Eu só consigo pensar em como vai ser: não quero ter uma morte triste, dolorosa, trágica.[...] Por passar tanto tempo pra conquistar os meus objetivos... Aí vem o pensamento de que não levaremos nada daquilo que conquistamos... Desanima. [...] Confesso que quero adiar a morte ao máximo.

DSC 2 – A morte é uma passagem (29,5%)

Eu penso na morte como uma passagem de uma vida para outra. [...] Essa vida é passageira e vai acabar porque iremos para a vida eterna no céu, onde há a verdade e a felicidade com Deus. [...] A alma da pessoa que faleceu vai para um lugar melhor. [...] Ao contrário de muitas pessoas que acham a morte algo ruim, eu fico feliz [...]. Mas também sinto medo e incerteza pois a morte é um desconhecido... Na verdade, não sei o que acontecerá com a minha alma quando a morte chegar. [...] Por isso, penso em me confessar antes de morrer... Para morrer sem pecados e ir para o céu. [...]. Enfim, sinto medo e esperança: medo de morrer e não encontrar o que desejo, e esperança de encontrar uma vida melhor após esta. [...] confesso que quero adiar a morte ao máximo [...].

DSC 3 – A morte faz parte da vida (16,5%)

A morte faz parte da vida. Penso que é uma coisa natural, normal. Todos nós estamos propícios à morte. [...] Todo mundo um dia vai morrer, pois ninguém nasce pra semente. [...] A vida precisa passar: nascemos, crescemos, envelhecemos e também morremos. A

morte não é algo muito relevante, mas apenas uma consequência de viver. [...] Espero esse momento sem muita ansiedade, sem pensar muito nisso. Quando penso nisso, me dá mais vontade de curtir minha vida [...] como se fosse uma motivação para eu sempre estar feliz, porque um dia isso acaba. [...] A morte é a única certeza que temos.

DSC 4 – Tenho dúvidas sobre a morte (13%)

Quando penso na morte, me vem curiosidade: como seria a morte? Existe vida após a morte? O que deve acontecer? Não sei. Não há nada definido. [...] Às vezes tenho curiosidade pra saber o que realmente acontece ou não depois do fim da vida. Às vezes encaro a morte como algo sombrio e inevitável; outras vezes, a morte me parece reconfortante, um fim para a dor. [...] Talvez não seja ruim, que seja libertador, embora venha trazer dor a outras pessoas.

Com relação à segunda questão sobre a quantidade de mortes que ocorre entre jovens no Rio de Janeiro, a grande maioria dos estudantes considera que é “muito grande” (60%) ou “grande” (34,8%), contra os que consideram “normal” (4,3%) ou “pequena” (0,9%). Com relação aos discursos produzidos para justificar a quantidade de mortes, foram encontradas 7 ideias centrais: “o cotidiano é violento”, “o jovem é culpado”, “a causa é as drogas”, “a morte é imprevisível”, “os jovens são vítimas”, “o diabo é culpado” e “não há tantas mortes”.

DSC 5 – O cotidiano é violento (46%)

Todos os dias têm mortes de jovens inocentes e culpados. Muitos jovens são assassinados e casos são noticiados nos telejornais. A maior parte morre assassinada. [...]. O número de violência vem aumentando constantemente. A cada minuto uma pessoa morre. As estatísticas de mortes são maiores no estado do Rio, é muito grande. E a cidade vem se tornando cada dia mais perigosa. As mortes acontecem por brigas entre policiais e bandidos, estupro, dirigir alcoolizado, assaltos, sequestros, suicídio, racismo, discriminação, brigas, ciúmes, raiva, inveja... É nor-

mal: as pessoas procuram a sua morte ou matam por nada. Tem muita gente se matando por motivos banais, fúteis, por prazer. [...]

DSC 6 – O jovem é culpado (30,4%)

Muitos jovens procuram a sua própria morte. Os jovens são atraídos por coisas ruins, fazem coisas erradas e cometem crimes. Eles “não estão nem aí” e só querem se divertir: não se preocupam com o que é certo ou errado. Na verdade, gostam de correr risco e fazer coisas erradas. É pela sua irresponsabilidade, imprudência, inconsequência, falta de cuidado, falta de juízo e desobediência aos pais que fazem escolhas ruins e têm más companhias. [...] Querem se dar bem na vida indo por caminhos errados. Por isso, os jovens estão virando bandidos, envolvidos na violência. Buscam o crime como o caminho mais fácil para conseguir dinheiro e [...] estão matando uns aos outros.

DSC 7 – A causa é as drogas (18,2%)

A causa é o envolvimento com o mundo do tráfico e das drogas. Os jovens têm a cabeça muito fraca em relação ao uso de drogas. Usar drogas é diversão. Os próprios jovens procuram, bebendo e se drogando. Estão entrando para o tráfico e se entregando para as drogas.

DSC 8 – A morte é imprevisível – (13,9%)

A cada hora tem um jovem morrendo por coisas imprevisíveis. Acontecem coisas que não esperamos que aconteçam com a gente. As mortes naturais já são grandes e ainda ocorrem muitos tipos de acidentes [...]. Também ocorrem muitos tipos de doença, como doenças sexualmente transmissíveis. [...] Tão jovens... É assustador.

DSC 9 – Os jovens são vítimas (9,5%)

Os jovens estão muito expostos ao perigo. O sistema é falido. Não tem leis nem organização. Faltam segurança, educação e saúde públicas [...] oportunidades de trabalho [...], além de falta de oportunidades de curso. Prevalece a impunidade e a desigualdade social. A culpa é dos adultos também. Há irresponsabili-

dade e falta de incentivo dos pais.

DSC 10 – O diabo é culpado (1,7%)

A culpa é do diabo. Muitos jovens têm servido a Satanás.

DSC 11 – Não há tantas mortes (1,7%)

Os jovens de hoje têm mais cuidado. Outras cidades têm índices de violência maiores que o Rio.

Com relação à terceira questão, “Para você, é possível fazer alguma coisa para diminuir o número de mortes entre jovens no Rio?”, 72% dos estudantes assinalaram a alternativa “sim”, enquanto 28% assinalaram a alternativa “não”. A justificativa para esses posicionamentos produziu discursos com 7 ideias centrais: “a solução é reprimir a criminalidade”, “a solução é investir na área social”, “a solução é conversar com os jovens”, “a solução é valorizar a vida e o outro”, “a solução é obedecer a Deus” e “não há solução”.

DSC 12 – A solução é diminuir a criminalidade (27,8%)

A solução é as autoridades fazerem algo para evitar a violência e diminuir a criminalidade. Precisam melhorar e reforçar a segurança pública, com aumento da força policial. Tem que prender os criminosos e acabar com o tráfico, fazendo um combate mais agressivo. [...] Tem que haver justiça e punição: fazer leis e cumpri-las, dando fim ao “jeitinho brasileiro” e melhorando a lei contra os crimes cometidos. Isso inclui o fim da corrupção na polícia [...]. Só assim para o Rio se tornar um lugar tranquilo, sem tiroteios.

DSC 13 – A solução é investir na área social (17,3%)

A solução são projetos governamentais e sociais para resgatar os jovens e não deixar que se percam no tráfico. O governo deve priorizar e investir em programas educacionais, dando mais oportunidades aos jovens de obterem melhores condições de educação e ensino. [...] dar mais palestras sobre doenças sexualmente transmissíveis. [...] o governo deve melhorar a saúde, investir nos hospitais e na cura de algu-

mas doenças [...]. Por fim, é preciso haver mais assistência social e construir mais áreas de lazer.

DSC 14 – A solução é conversar com os jovens (16,5%)

A solução não depende do estado e do governo: depende muito de cada jovem fazer as escolhas certas e escolher o melhor caminho. [...] É preciso conversar com eles a respeito do que fazem, fazendo-os refletir sobre os seus atos na sociedade. [...] conscientizá-los a não cometerem infrações e serem violentos. [...] é preciso dar a eles mais alertas sobre os perigos do mundo e passar mais confiança. Assim os jovens vão sair da vida do crime, parar de se matar por motivos fúteis e se interessar mais por outras coisas.

DSC 15 – A solução é valorizar a vida e o outro (9,5%)

A solução é haver uma conscientização [...]. Nós temos que agir corretamente, não ficar brigando e xingando um ao outro. É preciso ensinar as pessoas a serem mais humanas e mais compassivas [...] deixar de julgar o comportamento das pessoas e tirar os preconceitos. Se cada um fizer o bem, tiver amor à própria vida e ao próximo, o ciclo da vida será o que deve ser: nascer, crescer, reproduzir e morrer. Enfim, é preciso conscientizar as pessoas sobre o valor da vida.

DSC 16 – A solução é obedecer a Deus (6%)

A solução é ouvir e obedecer a Deus. A ajuda da religião é fundamental. Se os jovens conhecessem a Jesus seriam mais prudentes [...]. Se eles vivessem segundo as ordens de Deus, o mundo não estaria do jeito que está. Deveriam ser feitas palestras [...] sobre como os jovens devem se portar e o que Jesus acha sobre o que eles fazem. Além, é claro, de muita oração. O que mais Satanás quer é a alma deles.

DSC 17 – Não há solução (3,4%)

O Brasil não tem salvação, pois continua do mesmo jeito de muito tempo atrás. O mundo está corrompido e

muito violento em qualquer lugar. Não adianta: cedo ou tarde a morte vai chegar para todos.

DSC 18 – Não sei o que pensar e fazer (1,7%)

Isto gera muita dúvida. O melhor é não sair de casa.

DISCUSSÃO DE RESULTADOS

O dado que mais chama a atenção é o que se refere ao fato de pouquíssimos estudantes terem conversado ou aprendido algo sobre a morte na escola, especialmente se comparados com a igreja, o principal espaço de trocas interpessoais sobre o tema, superando também o grupo familiar e o de amigos. Observa-se que a religião é a principal referência popular sobre o tema da morte, onde não apenas este é objeto de atenção como de atividades educativas sistemáticas. Deve ser lembrado que a grande maioria desses estudantes é cristã e acredita em Deus, cuja expressão religiosa se pode ver nos DSC 2 (a morte é uma passagem), DSC 10 (o diabo é culpado) e DSC 16 (A solução é obedecer a Deus). Mas esse dado não aponta apenas para o lugar privilegiado da igreja nesta área, mas para o lugar quase inexistente da escola para troca de ideias e aprendizagem. Assim sendo, fica faltando o contraponto secular para a compreensão do fenômeno da morte em toda sua complexidade. Pode-se inferir nos discursos desses estudantes que, mais do que no espaço religioso, a escola reflete o tabu contemporâneo sobre a morte.

Percebe-se, pelo DSC 1 (a morte traz sofrimento), a necessidade de uma abordagem adequada do tema da morte em função do sofrimento que a ele está associado. Por um lado, esse sofrimento está relacionado à morte dos entes queridos; por outro lado, está relacionado ao medo da própria morte, seja pela possibilidade de esta ser dolorosa ou de esta ocorrer precocemente antes de se realizar um projeto de vida. Sem dúvida, o grupo expressa o seu apego à vida e, assim, a morte é percebida como algo que desmotiva a conquistar objetivos na vida e que tira o valor das realizações. Deve-se lembrar, aqui, que a adolescência é a etapa onde são elaborados os projetos de vida fundamentais, nos quais a vida escolar possui uma participação central. Quando os adolescentes em seus discursos expressam o seu temor à morte, eles expressam, dentre outras coisas, perderem algo que estão construindo junto com a escola, ou seja, o ser futuro. Vislumbra-se aí mais

um motivo para se tratar do assunto na escola. Pode-se considerar que o DSC 2 (a morte é uma passagem), discurso de ancoragem religiosa, expressa uma busca de possibilidade de superação do sofrimento expresso pelo DSC 1, além de uma tentativa de dar um sentido sobrenatural à morte. Neste caso, tanto ela é considerada positivamente, como uma passagem para uma vida melhor, como negativamente, como um destino incerto após a morte. Em todo caso, neste discurso não aparece o desejo de abreviar a vida. Observa-se, na verdade, demandas que desafiam a escola a dar a sua contribuição no sentido de discutir posicionamentos frente à realidade da finitude humana.

O DSC 3 (a morte faz parte da vida) representa uma percepção da morte como parte da vida. Não se observa aqui nenhuma expressão de sofrimento ou justificativa religiosa, mas apenas a constatação do seu caráter inevitável e da sua ligação necessária com o ciclo da vida de todo ser humano, o que evidencia a influência do ensino de ciências biológicas. O DSC 4 (tenho dúvidas sobre a morte) representa a morte como uma incógnita. Nesse caso, pensar sobre a morte não permite chegar a respostas fechadas, mas suscita questões, despertando curiosidade e inquietação intelectual. Tanto o DSC 3 quanto o DSC 4 apontam para um questionamento da visão predominantemente religiosa e a busca de outras possibilidades de significação e valoração da morte cuja ancoragem não seja religiosa. Percebe-se, nesses discursos, uma abertura cognitiva e emocional que pode ser explorada no contexto escolar em benefício dos estudantes.

Os discursos dos estudantes expressam grande preocupação com a quantidade de mortes de jovens no Rio de Janeiro, embora uma parte do grupo a tenha considerado normal, tal como se vê no DSC 9 (Não há tantas mortes). Percebe-se que se trata de uma preocupação de intenso valor pessoal, o que é compreensível, já que estão diretamente implicados nela. O DSC 5 (o cotidiano é violento) mostra a percepção de que a morte está estreitamente relacionada com a violência cotidiana no Rio de Janeiro em suas diversas formas, mas, como mostra o DSC 7 (a causa é as drogas), especialmente no que se refere ao tráfico e ao consumo de drogas, que é uma realidade premente na comunidade onde vivem os sujeitos da pesquisa. Trata-se de uma percepção de maior vulnerabilidade e risco de morte, tal como se encontra no DSC 8 (a morte é imprevisível). No DSC 6 (o jovem é culpado), os estudantes atribuem as causas da morte ao comportamento moral dos jovens, o que remete ao fato de os adolescentes, em sua potência de

vida, estarem particularmente dispostos a desafiar os seus próprios limites. Esse discurso aproxima o tema da morte ao da saúde, no sentido da preservação da vida, o que deve, indiscutivelmente, receber tratamento educacional. Já no DSC 9 (os jovens são vítimas), os estudantes atribuem as causas da morte, sobretudo, às omissões do estado, pela falta de investimentos sociais preventivos, mas também dos pais, pela falta de apoio e estímulo. A influência sobrenatural não foi descartada pelos estudantes como sendo a causa das mortes, como expressa o DSC 10 (O diabo é culpado). Pode-se constatar, nos discursos, a falta de elementos próprios da educação escolar que possam contribuir para uma reflexão mais crítica e abrangente sobre o tema, como conteúdos relacionados à saúde, ao exercício da cidadania, à ética e aos determinantes sociais da morte no contexto urbano.

Toda essa preocupação é acompanhada pela expectativa positiva de que é possível intervir, tal como expressam os discursos de maior adesão, ainda que coexista um discurso de descrença, tal como aparece no DSC 17 (não há solução), e outro de perplexidade, tal como no DSC 18 (não sei o que pensar e fazer). Em geral, as soluções propostas apontam para intervenções do poder público, embora, no caso do DSC 12 (a solução é diminuir a criminalidade), o foco seja a repressão da criminalidade e, no caso do DSC 13 (a solução é investir na área social), o investimento em áreas sociais consideradas carentes e em oportunidades para os jovens. Observa-se que os estudantes sentem falta da presença do Estado no seu entorno e a relaciona com a quantidade elevada de mortes entre jovens. A educação é destacada como uma prioridade, aparecendo demandas específicas relacionadas à ética e às doenças sexualmente transmissíveis, dois temas cuja reflexão sobre as relações interpessoais é fundamental. Esse aspecto é explicitado e expandido nos DSC 14 (a solução é conversar com os jovens) e 15 (a solução é valorizar a vida e o outro): ambos os discursos mostram a importância dos espaços de troca como facilitadores da reflexão sobre o tema da morte, sejam trocas intelectuais ou afetivas. É de se questionar por que a escola não tem sido esse espaço, uma vez que, dentre os seus objetivos, encontra-se a formação integral do ser humano. Constata-se, em quase todos os discursos, o predomínio de um tom prescritivo sobre as condutas consideradas corretas para evitar a morte baseada na ideia da obediência, cuja expressão maior é de natureza religiosa, tal como se encontra no DSC 16 (a solução é obedecer a Deus). Como pode ser visto nesses dis-

cursos, a busca de referenciais durante o processo de amadurecimento pessoal provoca a escola a oferecer linhas de ação adequadas dentro do seu projeto político-pedagógico.

CONCLUSÃO

A totalidade dos discursos dos estudantes mostra que o tema da morte humana não só é objeto de preocupação deles, mas também faz parte do seu cotidiano. Também sugere uma demanda de intervenções do poder público no sentido de lhes garantir proteção à vida e condições de pleno desenvolvimento humano, sendo a promoção de atividades educativas uma parte considerada essencial. Além disso, destaca a importância dos espaços de troca para que seja possível a expressão e a construção de sentidos sobre a morte. Por outro lado, os estudantes deixam muito claro em suas respostas que a escola não é percebida como um lugar que acolhe ou estimula a reflexão sobre o tema da morte. Os dados apontam, portanto, para a necessidade de mudanças na relação da escola quanto a esse tema, o que implica a superação do tabu contemporâneo em torno dele.

Cabe ressaltar que o PCN e o DCN para o ensino médio, mesmo sem fazerem uma referência explícita ao tema da morte, justificam indubitavelmente a sua abordagem em virtude de suas orientações básicas, tal como apresentados no início deste trabalho. Tanto o desenvolvimento das competências no trato com as questões tecnológicas, que preparam os estudantes para o exercício de uma profissão, quanto as competências no trato com as questões humanas, que os preparam para o exercício das relações consigo mesmo e com os outros, devem ser uma realidade no ensino médio. Os dados apresentados neste trabalho apoiam a ideia de que a inclusão do tema da morte no currículo, bem como a elaboração de estratégias educativas para a sua abordagem, é não apenas pertinente como também necessária.

REFERÊNCIAS

- ALMEIDA, L. F.; FALCÃO, E. B. M. Cultura, morte e representações de jovens: um estudo em 4 escolas. *Enseñanza de las Ciencias*, Barcelona, número extra, p. 3.580-3.585, 2009.
- ALMEIDA, L. F.; FALCÃO, E. B. M. Representação social dos estudantes do ensino médio acerca da mortalidade entre jovens e as perspectivas de intervenção na escola. In: VI Encontro Nacional de Pesquisa em Educação em Ciências (ENPEC), 2007, Florianópolis. *Anais do VI ENPEC*, 2007.
- ALMEIDA, L. F.; RAMOS, I. N. B.; FALCÃO, E. B. M. O ensino da morte humana no contexto das aulas de Biologia. In: VII Encontro Nacional de Pesquisa em Educação em Ciências (ENPEC), 2009, Florianópolis. *Anais do VII ENPEC*, 2009.
- AQUINO, T. A. A. et al. Falando da morte e da finitude no ambiente escolar: um estudo à luz do sentido da vida. *Psic. cien. prof.*, Brasília, v. 4, n. 2, abr./jun. 2014. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1414-98932014000200004>. Acesso em: 1 out. 2016.
- ARIÈS, P. *A história da morte no ocidente*. Rio de Janeiro: Ediouro, 2003.
- ASSIS, S. G.; MARRIEL, N. S. M. Reflexões sobre violência e suas manifestações na escola. In: ASSIS, S.G.; CONSTANTINO, P.; AVANCI, J.Q. (Orgs.). *Impactos da violência na escola: um diálogo com professores*. [On-line]. Rio de Janeiro: Ministério da Educação/ Editora FIOCRUZ, 2010. p. 41-63. Disponível em: <<http://books.scielo.org/id/szy5t/pdf/assis-9788575413302-03.pdf>>. Acesso em: 1 out. 2016.
- ASSIS, S. G.; DESLANDES, S. F.; SANTOS, N. C. Violência na adolescência: sementes e frutos de uma semente desigual. In: BRASIL. Ministério da Saúde. Secretaria de Vigilância em Saúde. *Impacto da violência na saúde dos brasileiros*. Brasília: Ministério da Saúde, p. 79-115, 2005. Disponível em: <<https://www.nescon.medicina.ufmg.br/biblioteca/imagem/0199.pdf>>. Acesso em: 1 out. 2016.
- BRASIL. Ministério da Educação. Conselho Nacional de Educação. Câmara de Educação Básica. *Resolução nº 2, de 30 de janeiro de 2012*. Define diretrizes curriculares nacionais para o ensino médio. Disponível em: <http://pactoensinomedio.mec.gov.br/images/pdf/resolucao_ceb_002_30012012.pdf>. Acesso em: 1 out. 2016.
- BRASIL. Ministério da Educação. *Parâmetros curriculares nacionais (ensino médio)*. Brasília: Ministério da Educação, 2000. Disponível em: <http://portal.mec.gov.br/seb/arquivos/pdf/14_24.pdf>. Acesso em: 1 out. 2016.
- CARVALHO, L. S. et al. Perception of death and dying of the nursing studies. A quality study. *Online Brazilian Journal of Nursing*, v. 5, n. 8, 2006. Disponível em: <<http://www.objnursing.uff.br/index.php/nursing/article/view/507/116>>. Acesso em: 1 out. 2016.
- COELHO, F. J. F.; FALCÃO, E. B. M. Ensino científico e representações sociais de morte humana. *Revista Iberoamericana de Educación*, v. 39, p. 1, 2006.
- COELHO, F. J. F.; FALCÃO, E. B. M. Ensino de ciências e representações sociais de morte humana. In: V Encontro Nacional de Pesquisa em Educação em Ciências, 2005, Bauru. *Anais do V ENPEC*, 2005.
- DOLTO, F. *A causa dos adolescentes*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1990.
- ELIAS, N. *A solidão dos moribundos*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editores, 2001.
- KAPPEL, V. B. et al. Enfrentamento da violência no contexto escolar na perspectiva dos diferentes atores. *Interface (Botucatu)*, Botucatu, v. 18, n. 51, p. 723-735, 2014. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?pid=S1414-32832014000400723&script=sci_abstract>. Acesso em: 1 out. 2016.
- LEFÈVRE, F.; LEFÈVRE, A. M. C. *O discurso do sujeito coletivo: um novo enfoque em pesquisa qualitativa (desdobramentos)*. Ed. rev. e ampl. Caxias do Sul, RS: EDUCS, 2003.
- LEE, H. G. et al. The perception of good death among human service studies in South Korea: A Q-Methodological Approach. *Taylor & Francis OnLine*, v. 32, n. 9, p. 870-890, 2008. Disponível em: <<http://www.tandfonline.com/doi/full/10.1080/07481180802359797>>. Acesso em: 1 out. 2016.
- MORIN, E. *O homem e a morte*. Rio de Janeiro: Imago, 1997.
- MOSCOVICI, S. *Representações sociais: investigações em psicologia social*. Petrópolis: Vozes, 2010.
- NORDET, M. C. A.; CABRERA, J. J. R.; BIGNOTE, M. S. L. Percepción de muerte y felicidad em estudiantes de Licenciatura em Enfermería. *Rev. Cubana de Enfermer.*, Ciudad de La Habana, v. 24, n. 2, abr./jun. 2008. Disponível em: <http://scielo.sld.cu/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0864-03192008000200003>. Acesso em: 1 out. 2016.
- RODRIGUEZ, C. F.; KOVÁCS, M. J. Falando de morte com o adolescente. *Estudos e Pesquisas em Psicologia*, Rio de Janeiro, v. 5, n. 1, p. 127-143, jan./jun., 2005. Disponível em: <<http://www.e-publicacoes.uerj.br/index.php/revispsi/article/view/11161/8861>>. Acesso em: 1 out. 2016.
- ROSA, L. P. *Tecnociências e humanidades: novos paradigmas, velhas questões*. V.1. São Paulo: Editora Paz e Terra, 2005.

DADOS DOS AUTORES

Anderson Nunes Pinto (andernup@gmail.com), psicólogo da UFRJ, mestre em Educação em Ciências e Saúde pelo NUTES/UFRJ, doutorando em Educação em Ciências e Saúde pelo NUTES/UFRJ.

Eliane Brígida Morais Falcão (elianebrigida@uol.com.br), professora associada da Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ) e pesquisadora do CNPq. Atualmente, desenvolve suas atividades docentes e de pesquisa no Núcleo de Tecnologia Educacional para a Saúde (NUTES/UFRJ) e no OLE (Observatório da Laicidade do Estado/UFRJ). Doutora pela Coppe/UFRJ e pós-doutora pela Universidade de Cambridge (Reino Unido).